

DESCRONOMETRAR

Untime

Pedro Parga Rodrigues¹  

Recebido: 15-01-2022

Aprovado: 26-06-2022

Untime

Domingo, 22:10,

Chego em casa às pressas.

Amanhã, 6:30,

estarei de pé.

7:20,

na escola.

7:30,

Dando aula.

22:11,

Troco as roupas

22:30,

Na cama.

22:31,

corpo inerte

¹ Professor da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ), Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), membro do INCT Proprietas e do Núcleo de Pesquisa *Propriedade e suas Múltiplas dimensões (NUPEP)*. Atuou como professor substituto e bolsista de Pós-doutorado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. No campo literário publicou as poesias “Quase Soneto” e “Os monstros e o armário”. E-mail: pedropargar@gmail.com

22:32

Mente alerta

22:33

Nada muda

22:34

Vislumbro uma nova poesia,
Mais uma cronometrada,
em tempo capitalista,
ocidentalizante.

22:35

Pego o celular

22:36,

Acesso o bloco de notas

22:37,

escrevo o primeiro verso

22:38,

Releio e odeio.

22:39,

Lembro que amanhã trabalho cedo

22:40,

Percebo: o tempo cronometrado matou a poesia.

22:41,

Me rebelo.

Passo a reescrever tudo em tempo Iorubá.

Hora de dirigir,
tarefa concluída.

Hora de dormir,
interrompida pelo axé das artes.

Escrevo,
o tempo não me incomoda,
nada tem pressa.

O sono chegará em seu devido tempo.

Uma tarefa depois da outra,
sem ansiedade.

O sono chega.

A vida é a própria poesia,
não precisa ser atropelada por um cálculo infernal de minutos e segundos.

Sem cronômetro para estragar a arte.

22:50,

Volto a real,

Ainda escrevo em um país capitalista.

Nunca foi comunista, vale lembrar, em tom de tristeza (28 de novembro de 2021).